

ESPANHOLISMO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

 Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
 Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
 Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

APONTAMENTOS " " "

TALVEZ porque não sabemos falar à *galeria* e aos instintos animais, embora legítimos às vezes, características inferiores de todos os animais e que não definem a nossa espécie inteligente e espiritual; talvez porque não nos dirigimos ao estômago, o palpável, o utilitário imediato, que satisfaz apetites e não educa sentimentos: talvez porque firmamos, bem alto, o primado do espírito — gente mōça, eternos cavaleiros do Ideal — a maioria nos não compreenda (a maioria, a mentira demomocrática) na intransigência em que nos firmamos, desassombro e lealdade com que falamos.

O nosso passado o exige e permite.

* * *

E' urgente, é necessária, é imperiosa até, a rápida solução do Problema das águas. Problema que é de todos, a todos interessa ver resolvido; foram sentidas já por todos as dificuldades que a falta de água traz — o verão passado foi uma experiência dolorosa.

Comemoramos no ano próximo 8 séculos de vida, de vida que são de glória. Afirmar que aqui terão o seu início parece, pelo menos devia parecer, ser hoje um lugar comum desnecessário. Com mágoa o dizemos, assim não acontece. Atarefados em lutas mesquinhas, personalismos que dividem, opiniões que dispersam actividades ou as anulam, em vez de trabalharem num programa único que nos unia e que era um imperativo a realizar, largaram tudo à sorte do acaso, sem interesse, boa-vontade ou pena.

Festas Centenárias. Festas da Fundação. Eis todo um programa a resolver. Tôdas as energias são precisas para realizar tam grandioso programa.

Tudo o mais, embora com grandes sacrifícios, têm de ser largado.

* * *

Cego de nascença não acreditava na luz; e como acreditar se nunca a vira nem apalpara? Assim são os que não acreditam no espírito. Só vêem o palpável, a matéria; só realizam o utilitário, o lucro, ainda a mesma matéria.

* * *

As manifestações de espírito não agradam aos inúteis, aos comodistas, e — este o seu maior inimigo — os que se julgam possuidores duma mentalidade nova, desmentida a todo o momento pelos seus actos. E' que a gymnástica do espírito exige esforço, trabalho persistente, atenção concentrada e essas energias são-lhes necessárias para se espre-

guiçarem ou abanarem as orelhas, baterem com os pés ou com as mãos, salvo seja, esgrimirem gestos e berrarem para convencerem um auditório que nem as idiotices da sua idiota oratória convenceram, a fazer calúnias, levantar boatos, erguer ídolos e abater ídolos, lançar opiniões — se eu fôsse ministro! — ou atacar outros programas impondo o seu programa — se eu fôra ministro! — tôda essa má língua das alfurjas demo-liberais e maçónicas.

Negam-se a si mesmos. Prêgam a fraternidade e juntam-se no ódio. Só para odiar, satisfazendo seus baixos instintos, se unem em bloco. E, se alguém clama a união sagrada logo a intriga e a calúnia, pelas bocas dos arrivistas, mina seus alicerces, dividindo, dispersando e desfazendo...

* * *

— E disse-lhe o diabo: se tu és o filho de Deus, dize a esta pedra que se transforme em pão. E Jesus respondeu: escrito está que nem só de pão viverá o homem, mas de tôda a palavra de Deus.

— E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo e disse-lhe: Se tu me adorares, dar-te-ei o poder. E Jesus disse-lhe: vai-te satanaz; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás.

— Levou-o também a Jerusalém, e pô-lo sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: se tu és filho de Deus, lança-te daqui abaixo; teu Pai enviará seus anjos para te ampararem.

E Jesus respondeu-lhe: dito está — não tentarás ao Senhor teu Deus.

* * *

O pão, a ambição, o poder... as tentações do demónio, verdade eterna que o rodar dos tempos repetiu!

Revolta dos escravos da história antiga ou dos nossos dias...

Para quê tanto dinheiro gasto em grandiosas obras, fardas consteladas de oiro, palácios de mármore raros?

Para quê obedecermos se podemos mandar? Para quê trabalhar se podemos lucrar mais não trabalhando?

Para quê Deus se êle condena a fraude, o roubo, o assassinio, impedindo a realização dos nossos apetites?

Pão! Pão! Pão! Com tanto dinheiro gasto, se comprava tanto pão!

E nasceu o comunismo

(Continua na 6.ª página)

A' MARGEM

NUNCA NOS ARREPENDEMOS de fazer impossíveis. Eles nos deram sempre a vitória, a grandeza e o respeito e admiração do mundo. Transcrevemos as palavras que, embora merecidas, plenamente satisfazem o nosso orgulho de portugueses.

O redactor político do órgão officioso *Diário Vasco*, referindo-se às relações espano-lusas, afirma que elas nunca foram tam estreitas e sólidas e que, por este motivo, maus patriotas de ambos os países, despeitados, por ventura, pela derrota dos vermelhos, teimam em fazer crer por tôdos os meios de propaganda ao seu alcance que a amizade luso-espanhola existe apenas entre os governantes dos dois países e não entre o povo e acrescenta: «Para rebater esta afirmação, basta dizer que durante o «Desfile da vitória», ontem realizado em Madrid, na presença de Franco, a multidão ao ver passar o batalhão de legionários portugueses com a sua bandeira verde-rubra, que ainda na Grande Guerra se cobriu de glória, nos campos da Flandres, os aclamou com mais entusiasmo e delírio que aos próprios voluntários alemães e italianos, porque o povo espanhol sente quanto deve a Portugal e ao seu chefe do Governo, que desde o primeiro instante do movimento libertador de Franco marcou, nitidamente, a sua posição ao lado da Espanha nacionalista pela defesa da civilização cristã, apenas por ideologia política e para salvar a paz da Europa e não com quaisquer intuítos preconcebidos e interesseiros.

E foi, também, desinteressadamente que milhares de jovens portugueses deram o seu sangue pela defesa da Espanha e tam modestamente o fizeram que se alistaram na Quinta-Bandeira, quando podiam ser constituído um Corpo de Voluntários à parte, como o fizeram os alemães e italianos. Mas os portugueses seguem o exemplo do seu chefe, o sr. dr. Oliveira Salazar, que tem realizado grandiosas obras financeiras e políticas admiradas e citadas no mundo como exemplo a seguir, fugindo, porém sempre às honrarias e aos alardes espectaculosos. Que fiquem sabendo os «políticos de café» que a amizade sincera que une os verdadeiros espanhóis e portugueses é indissolúvel e que ficou para sempre selada, não só com o sangue que os portugueses derramaram em terras de Espanha, mas também com a recente assinatura do tratado de amizade e não-agressão luso-espanhol.

DA CIDADADE

VIDA CATÓLICA

3.º domingo depois do Pentecostes

Evangelho (Luc., xv, 1-10). — Acercavam-se de Jesus os publicanos e os pecadores para o ouvirem. E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: «Este recebe os pecadores e come com eles». E ele propôs-lhes a parábola seguinte: «Qual de vós outros é o homem que, tendo cem ovelhas, e havendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e vai buscar a que se tinha perdido, até que a ache; e tendo-a achado, a não toma aos ombros cheio de gósto; e, chegando a casa, não chama os seus amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, porque achei a minha ovelha, que se tinha perdido? Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos, que não precisam de penitência. Ou que mulher há que, tendo dez dracmas, e havendo perdido uma, não acenda uma candeeira e não varra a casa, e a não busca com muita diligência, até que a ache; e que, depois de achar, não convoque as suas amigas e vizinhas para lhes dizer: Congratulai-vos comigo, porque achei a dracma que tinha perdido? Assim vos digo eu que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um pecador que faz penitência».

Homilia. — Quem dirá o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo pelos pecadores?... Por eles, *desceu do céu*, do seio de seu eterno Pai... Assumiu a nossa natureza humana, fez-se pequeno, po-

bre... humilhou-se além de toda a medida... condenou-se a toda a espécie de trabalhos, de sofrimentos, à morte mais ignominiosa...

Quanto lhe devemos ser gratos e amá-lo!...

Durante a sua vida mortal, todas as suas *acções e palavras* provam a sua bondade para com os pecadores...

Amava-os, procurava-os, acolhia-os com bondade, para os converter... Vêde-o com a Samaritana, a mulher adúltera, Madalena, Zequeu, etc. ...

Vêde-o e ouvi-o chorar sobre a Jerusalém infiel...

Dizia: *Non egent qui sani sunt medico, sed qui male habent... Non veni vocare justos, sed peccatores...* Lêde as suas belas e comoventes parábolas da ovelha desgarrada, do dracma perdido, do filho pródigo...

Que confiança e reconhecimento deveríamos ter!...

Ainda agora, Nosso Senhor continua a amar e chamar os pobres pecadores pela sua graça... no santo tribunal... do seio do tabernáculo... A maior prova de amor que exige de seus ministros e das almas fiéis, é amar, como ele, os pecadores... é implorar a sua conversão... trabalhar por ela, a ela dedicar-se até à morte... Que não fizeram os Santos, os Paulos, os Domingos, os Inácios, os Franciscos Xavier, os Vicentes de Paulo, etc., para converter e salvar as almas?...

— Serão numerosos hoje aqueles que dão a Nosso Senhor esse testemunho de amor? Ai! quantos fariseus e indiferentes!...

Que temos nós feito até hoje?... Que queremos fazer doravante?... Amen.

THIRIET.

NOTICIÁRIO

Santuário E. da Penha

Conforme se havia anunciado, no pretérito domingo realizou-se a simbólica carreada de materiais, destinados a reconstrução do S. E. da Penha, da iniciativa dos mestres de obras da cidade.

Peregrinação a Fátima

Debaixo da orientação do nosso estimado amigo rev.^m Domingos Gonçalves, partiram em combóio especial, grande número de peregrinos, para a Cova da Iria, onde vão orar pela paz do mundo e em especial, pela de Portugal. Oxalá, as suas preces sejam ouvidas...

Festas a Santa Catarina

Os nossos caçadores e atiradores civis, vão mais uma vez levar a efeito as suas festas, na Penha, em honra de Santa Catarina. As festas realizam-se nos dias de hoje e amanhã, constando de arraial, no sábado, e de solenidade religiosa, torneio de tiro aos pratos,

e jantar de confraternização, no domingo.

S. Columbófila de Guimarães

Já regressaram alguns dos pombos largados no Algarve, no passado domingo.

Ao que parece as simpáticas avezinhas tiveram alguns contra-tempos durante o trajecto da sua rude prova.

Delegado do Governo

Agradecemos ao sr. José de Oliveira Pinto, Presidente Substituto da Câmara, e Delegado do Governo, o seu officio, em que nos apresentava cumprimentos, e nos manifestava o desejo de prestar à Imprensa todas as facilidades, no desempenho da sua nobre missão.

Monsenhor João Ribeiro

Num ambiente solene decorreram as festas comemorativas deste bondoso sacerdote.

Desde manhãzinha que em todos os altares da Insigne Colegiada se reali-

zaram missas e comunhões, rezadas por todos os Rev.^{os} do Arciprestado.

A seguir, depois de receberem Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcêbispo Primás, foi cantada a missa de Perozzi, a vozes mixtas pelo coral da Costa e da Oficina de S. José, falando o ilustre orador P.^c Magalhães, do Seminário da Costa.

Com a assistência de todas as autoridades civis e religiosas, celebrou-se, em seguida, um *Te-Deum*, findo o qual, seguiram para a Penha onde se realizou um almôço de homenagem.

De regresso

Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo e ilustre presidente da S. M. S., sr. capitão Mário Cardoso, que com distinção concluiu o seu exame para o posto imediato.

Para Melgaço

Partiu para Melgaço, onde vai fazer a sua cura habitual o nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior.

Para Vichy

Partiram os nossos amigos srs. drs. Alvaro de Carvalho e Antão de Lencastre.

Para Lisboa

Partiu a sr. D. Maria Augusta Queiroz.

Visita

Em nossa casa, apresentaram-nos cumprimentos a sr.^a D. Lídia Martins, redactora do nosso colega *O Século* e os srs. dr. Teófilo Esquível, Delegado Provincial da M. P., Manuel Araújo, nosso colaborador ilustre e António Alberto de Sousa, antigo administrador do *Correio do Minho*.

Festa da L. P.

Está marcada para a noite de S. Pedro, 28, a festa promovida pela Acção Social da Legião Portuguesa; no recinto da Escola I. e C. que promete estar animadíssima, pelo interesse já despertado.

Festas da cidade

Presidida pelo sr. António Lima reuniu a comissão das festas da cidade que tratou de vários assuntos.

— Touradas pelos melhores artistas do Campo Pequeno; grande festa típica no mercado; marcha gualteriana — são números que este ano vão marcar.

A comissão lembra que só respeita os lugares marcados nos anos transactos, das barracas do C. da Feira, se os pedirem até ao fim do corrente mês.

Gesto nobre

O Chefe dos Impostos Municipais, sr. João Mota Ribeiro, contemplou a Casa dos Pobres, com o donativo de 400\$00, importância proveniente da parte que lhe cabia, numa multa que aplicou.

Merece as nossas felicitações, o sr. Mota Ribeiro, pelo nobre gesto, que mostrou o intuito de cumprir a lei e não de beneficiar com o produto das multas.

Situação Financeira do Município

Recapitulando o que afirmei nos artigos anteriores chegamos aos seguintes resultados:

1.º) Que, sem o auxilio de quaisquer documentos, calculei as receitas disponíveis da Câmara em mais de 800 contos, que poderiam garantir um empréstimo de 8000 contos, a fazer na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência.

2.º) Que, pela comparação das receitas e despesas ordinárias previstas no orçamento de 1939 actualmente em vigor, se verifica um saldo das receitas sobre as despesas de 610 contos.

3.º) Que o orçamento referido, comparado com as contas da gerência de 1938, nos revela uma diferença superior a 250 contos a favor da gerência actual.

4.º) Que por conseguinte é lícito supor que, no ano corrente, o saldo disponível será de 610 + 250 = 860 contos.

5.º) Que as contas da gerência de 1938 acusam uma diferença de 841.812\$69 entre as receitas ordinárias e as despesas da mesma natureza.

6.º) Que, se contarmos com a redução da receita proveniente da percentagem sobre a contribuição predial rústica — cerca de 80 contos — e com o aumento de 100 contos nos impostos indirectos, previsão que a cobrança efectuada no 1.º trimestre autoriza, a Câmara disporá dum saldo de 850 contos.

* * *

Não se vá, porém, supor que este saldo aparece nas contas. A Câmara não realiza apenas despesas ordinárias e, geralmente, dispense todas as suas receitas. Nos três anos e tal em que presidi ao município pode dizer-se que praticamente se gastava todo o rendimento. As contas das gerências acusam saldos insignificantes que não atingem, se a memória me não falha, duas dezenas de contos.

O saldo disponível, que nesse tempo era de cerca de 550 contos, empregava-se, como agora acontece, em melhoramentos que não se repetem todos os anos. As construções de edificios escolares, aberturas de estradas, as grandes reparações, a aquisição de móveis, de veículos e de aparelhos e utensílios, importam despesas extraordinárias que na minha gerência eram satisfeitas com o saldo das receitas ordinárias, com as participações do Estado, que no ano de 1935 andaram à roda de 400 contos, e em alguns casos com a colaboração das freguesias.

Não se julgue também que a diferença acima demonstrada entre as receitas e despesas ordinárias significa que a Câmara não precisa de aumentar os seus rendimentos. A verdade é que há muitos melhoramentos indispensáveis a realizar que são de necessidade urgente e com os quais se há-de gastar muito dinheiro.

A Câmara tem despesas ordinárias inferiores às receitas ordinárias; mas as despesas extraordinárias que terá de fazer são superiores a 15.000 contos.

JOSÉ F. DOS SANTOS.

PROBLEMAS MUNICIPAIS A' MARGEM

Sr. Director do jornal
Ressurgimento—Guimarães

As apreciações por nós feitas sobre as várias declarações do sr. dr. Rocha dos Santos respondeu Sua Ex.^a pela forma que já é conhecida e não sabemos se já era de esperar.

Ficou mudo sobre os assuntos em questão, mas veio declarar às gentes estarecidas que pretendíamos gastar 7.184.997\$37 em melhoramentos rurais e que nos propúnhamos substituir pavimentação das ruas, acabar obras começadas, dotar a cidade com saneamento, água e dois monumentos há muito reclamados pela opinião pública, tudo, como se vê, obras de uma inutilidade manifesta e impossíveis de alcançar em Guimarães, porque, em concelhos de muito menores recursos, tudo se tem tentado e se vai executando.

Propositadamente ou não, o sr. dr. Rocha dos Santos confunde um relatório que antecede as propostas de reorganização das finanças municipais com um plano de actividade anual.

Se o faz propositadamente é mais uma manifestação de política velha; se não... temos de ter todos muita paciência.

Parece queixar-se Sua Ex.^a de não termos apreciado devidamente os seus gestos de comiserção pela dôr alheia, mas há equívoco de sua parte quanto aos sentimentos que o nosso caso pessoal nos poderá ter provocado.

Dôr, nenhuma. Repugnância por uma política de que sempre nos afastamos e que supúnhamos incapaz de ressuscitar porque enterrada para sempre por 12 anos de Revolução Nacional, isso muita.

Firmemente esperançado de que será por pouco tempo, temos de concordar todavia que semelhante política ainda vive e vai fazendo estragos.

Não é esse porém o assunto que pretendemos tratar aqui e por isso revertamos à carta do sr. dr. Rocha dos Santos.

Estamos absolutamente resolvidos a desistir de provar que com tempo e dinheiro se podem executar tôdas as obras que caibam dentro das possibilidades humanas.

Ora nem dinheiro nem meios de o obter pudemos encontrar na Câmara ao tomar posse da presidência em fins de 1937. De tempo, vamos vêr que dêle também não pudemos dispôr e por isso se deixou de dar execução a obras que estavam projectadas.

Quando o sr. dr. Rocha dos Santos pediu um empréstimo de mil contos — em 1932 se não estamos em erro — para obras municipais, o município de Guimarães apenas foi considerado em situação de contrair um empréstimo de 600 contos.

Tratava-se de uma obra — a nova praça do mercado e avenida dos Pombeiros — que havia de custar à Câmara mais de 2.500 contos. Princiada com tam exígua verba, relativamente ao custo total, não consta que fôsem tomadas quaisquer medidas para a prossecução da obra, uma vez que o Município não tinha rendimentos nem podia contrair novos empréstimos.

Era o início de uma nova obra de Santa Engrácia...

A Comissão Administrativa que succedeu à do sr. dr. Rocha, da presidência do sr. dr. José Francisco dos Santos, podia apreciar a situação nas seguintes e animadoras palavras:

«Ao tomar conta da administração do Município pouco antes do início do ano económico de 1934 a 1935, a Comissão Administrativa anterior (da presidência do sr. dr. José Francisco dos Santos), teve, como era natural a quem ia elaborar um orçamento para um ano, de fazer um balanço a tôdas as necessidades do concelho e a todos os recursos de que dispunha para as satisfazer. Com angustia se verificou que, se as primeiras eram enormes, os segundos eram reduzidíssimos para os encargos a que se havia de fazer face.

A situação era ainda agravada pelo facto de haver por todo o concelho muitos melhoramentos iniciados apenas, outros em via de realização, outros ainda há muito suspensos ou interrompidos, que não podiam ser abandonados sob pena de perder-se o que nêles se havia já dispendido.

Por outro lado, se as freguesias rurais se haviam resignado até então ao esquecimento e abandono a que durante largos anos as haviam votado as vereações, as disposições que agora mostravam eram muito diferentes e não se cansavam de reclamar os benefícios indispensáveis de que as haviam privado até então.

Tudo lhes faltava: caminhos, escolas, águas e cemitérios, e não se podia negar que, geralmente, as suas reclamações eram legítimas.

Que fazer nesta situação angustiosa e crítica?

Não havia que escolher: a Câmara teve que limitar as suas ambições e resignar-se ao papel modesto de boa e conscienciosa administradora».

(Do relatório apresentado ao Concelho Municipal na Sessão ordinária do ano de 1937 pelo sr. dr. José Francisco dos Santos.)

Ainda assim, através de tôdas as dificuldades e graças a enérgicas medidas de economia e ao inteligente aproveitamento das participações do Estado, conseguiu esta Comissão realizar obras como as mais felizes em recursos.

Em fins de Outubro de 1937, pela voluntária retirada do sr. dr. José Francisco dos Santos, cabe-nos o encargo de assumir a presidência da Câmara.

Ao contrário do sr. dr. Rocha dos Santos que só por sacrifício se privou de uma posse estrondosa com discursos em que prometeria muitas e grandes obras, nós, sem sairmos das realidades modestas, apenas afirmamos que não tivéssemos realizado as de absoluta necessidade em todo o concelho, a começar pelas zonas rurais. E' a summa das palavras que então pronunciamos.

Em obediência a êsse pensamento abriram-se novas estradas, pavimentaram-se outras, construíram-se e consertaram-se escolas e distribuiu-se-lhes material como em nenhum outro tempo, exploraram-se águas, construíram-se fontes e chafarizes e se, para o plano de actividade em 1939, procurando aproveitar circunstâncias favoráveis, propusemos obras de embelezamento da cidade, isso se deve à obrigação que sentiamos de colaborar nas festas comemorativas da passagem dos centenários, segundo o pensamento de Salazar.

Tal orientação a justificámos perante o Conselho Municipal ao apresentar-lhe o plano de actividade para 1939.

O sr. dr. Rocha dos Santos achou então bem e aprovou. Agora discorda e censura.

Lá sabe porquê.

Para as obras de embelezamento da cidade e outras era necessário um empréstimo, mas êsse não poderia fazer-se na Caixa Geral dos Depósitos antes que fôsse possível à Câmara mostrar que um aumento de receitas faria face aos encargos do novo empréstimo.

Aprovada pelo conselho Municipal a reorganização das finanças municipais para a gerência de 1938, só no fim dêste ano era possível arranjar elementos que permitissem demonstrar o aumento das receitas.

Quere dizer, só durante a gerência de 1939 é que poderia conseguir-se o empréstimo e dar-se execução às obras a cujo custo êle se destinava.

Já se vê por isto que não era possível andar mais depressa e bem se patenteia a razão por que, interrompidos os nossos trabalhos na Câmara em Abril de 1939, deixamos de dar começo às obras a que só o empréstimo a contrair devia fazer face.

Acresce ainda não ter sido possível aproveitar os primeiros meses do ano, porque os projectos em participação ainda se encontravam em estudo no Ministério da O. P. e o projecto de urbanização dos terrenos à volta do Castelo e Largo do Salvador só em Abril é que ficou elaborado.

Tudo isto não constitui novidade nenhuma para o sr. dr. Rocha dos Santos, e por isso e que ao tomarmos conhecimento das sucessivas declarações de sua ex.^a, e agora da sua tão apregoada e noticiada sentimentalidade, não podemos fugir ao assalto de dúvidas que as circunstâncias parecem querer destruir a breve trecho.

Veremos se novas afirmações de sensibilidade não servirão de guarda avançada apenas a investidas menos correctas mas mais aumentadas.

Guimarães, 14 de Junho de 1939.

JOSÉ MARIA DE MAGALHÃIS E COUTO.

* * *

Sr. Director do Ressurgimento:

O boletim da tesouraria da Câmara, na sessão de 28 de Abril, último dia da gerência do sr. Magalhães Couto, accusava um saldo em caixa de 393.132\$91 e não 401 contos.

Se tivesse sido autorizado o pagamento das contas apresentadas na secretaria até 21 do mesmo mês, na importância de, números redondos 100.000\$00 o saldo ficaria reduzido a 293.132\$91.

Na análise ao orçamento do ano corrente não me referi ao saldo da gerência do ano anterior, porque não é insufficiente para fazer face aos compromissos que o sr. Magalhães Couto tomou em Lisboa.

Afirma-se que êsse saldo « não só era bastante para pagar os terrenos e edificios expropriados para o alargamento da rua dos Palheiros mas ainda chegava para o reforço de algumas verbas da despesa que disso necessitassem.

O sr. Magalhães Couto sabe bem que não está a dizer a verdade. Além das expropriações já feitas tinha de proceder a muitas outras, de valor superior ao saldo.

(Continua na 7.ª página)

AS GRANDES OBRAS por êste critério são fantasias do espirito que nunca terão uma realidade.

Outros problemas se lhe sobrepõem então, que embora de grande utilidade material, nada são, na sua mesquinhez, perante as realizações que vêm enriquecer o património espiritual dos Povos.

Batalha, Jerónimos, Alcobaça, as grandes catedrais do Império não se fizeram sem grandes sacrificios, canseiras e rios de ouro, ouro que bem era preciso e útil à Nação em armas para assegurar a sua Independência, manter seu Império ou continuar suas conquistas; mas acima das armas da Nação estava o espirito, a alma, da mesma Nação. Assim o compreenderam nossos avós.



COM VONTADE, QUERER, OPTIMISMO e alegria se arrostando tôdas as canseiras, todos os sacrificios, todos os impossíveis, quando há um Ideal alto, uma realização grandiosa a fazer-se. Realizar coisas que nada custam a fazer ou que quem quer fazia, pouco valor tem.

Nas dificuldades a vencer se encontra todo o valor duma obra. Nelas se afirmam os homens, os realizadores de impossíveis.

Na sua carta a Joaquim Manso, no *Diário de Lisboa*, escrevia Tomaz Ribeiro Colaço: — «Quando a Sociedade das Nações pôs condições vexatórias a um auxílio financeiro, tivemos um Ministro das Finanças que deu com as portas na cara daquela gente, e disse à nação esta barbaridade: «Se quizeres moer-te com sacrificios, podes curar-te sozinha». A nação ouviu, aceitou, e ao cabo de um ano verificava-se que o ministro tinha razão. Muitos, ao ouvi-lo, lhe tinham chamado lunático. Mas aquêlle impossível era uma realidade ao nosso alcance».



«A INDEPENDÊNCIA que Afonso Henriques firmou contra os castelhanos e mouros, era impossível. As vitórias de Nun'Alvares eram impossíveis. Descobrir e colonizar a América, a América e a Ásia, com seis pinheiros de Leiria e meia dúzia de gatos, era impossível.

Lutar com os Filipes era impossível. Reerguer sobre as ruínas do terramoto uma cidade formosa, era impossível. Obrigar Napoleão a confessar, em Santa Helena, «que em Portugal se fundiu o primeiro elo da cadeia que me prende», era impossível. Mousinho de Albuquerque, Roçadas, Couceiro, João de Almeida, Azevedo Coutinho, outros ainda, também por lá andaram em África no mesmo fadário de fazer impossíveis. O vôo de Gago Coutinho e Sacadura, cruzando o Atlântico sobre um avião de pano crú e pausinhos, era impossível. O nosso resgate financeiro era impossível. Quere dizer, quando eu quero ver ateadado um espirito novo, que leve os portugueses a fazerem vários impossíveis, tenho esta desculpa: — há 8 séculos que êles não fazem outra coisa».

Visado pela

Comissão de Censura

DA MOCIDADE

O sentido da independência Escutismo na Oliveira

Fôlha de doutrina para "Infantes" e "Vanguardistas"

Vocês são ainda muito novos, mas tenho a certeza de que os vossos corações já sabem vibrar de orgulho quando ouvem dizer o nome da vossa Pátria, quando pensam: — Somos portugueses!

E podemos dizer com tóda a consciência: — nenhum homem pode ter maior orgulho na sua Pátria.

Hão de saber que para o ano vai Portugal celebrar o oitavo centenário da sua Independência. E quero hoje falar-lhes de um aspecto que talvez desconhecem: — a Pátria portuguesa é na Europa, e talvez no mundo, aquela que, nas suas fronteiras actuais, é a mais antiga de tódas.

Não basta, porém, dizer palavras; vou pois indicar-lhes rapidamente algumas datas, que demonstram isto mesmo.

A independência de Portugal data de 1139; e como sabem, não tardou muito que os reis da primeira dinastia alargassem o território até ao Algarve. Vejamos agora as outras nações.

Na nossa vizinha Espanha, só em 1469 casaram Fernando e Isabel, realizando a unidade espanhola, e só em 1492 foram expulsos os mouros. Quere dizer, Portugal é mais velho 3 séculos do que a Espanha.

Passando à França, verificamos que só em 1589 subiu ao trôno francês Henrique IV, encorporando na França o reino de Navarra. A França tem desde então sensivelmente as fronteiras de hoje; e as fronteiras de Portugal são quási 4 séculos mais velhas.

A Alemanha é uma criação de Bismarck; não tem ainda um século de existência.

A Itália é obra de Garibaldi, Cavour, e Vítor Manuel; não tem também ainda um século de existência; mais velho do que a Itália ou a Alemanha é o Brasil, filho de Portugal.

Na poderosa Grã-Bretanha, só na primeira metade do século 17 subiu ao trôno o filho de Maria Stuart que reuniu as corôas da Inglaterra e da Escócia. Quere dizer, Portugal é mais velho do que a Grã-Bretanha cerca de 5 séculos.

A Bélgica, nos seus limites actuais, data de 1830; — é também mais nova do que o Brasil.

A Holanda tem exactamente a mesma idade que a Bélgica.

A Polónia, apesar de origens também antigas, só tem a sua forma actual desde 1918. O mesmo sucede à Roménia e aos países balcânicos. As actuais fronteiras russas têm a mesma data. Os turcos só em 1453 conquistaram a sua capital: — Constantinopla.

A Grécia actual só em 1830 foi declarada reino independente. A Suíça, foi reconhecida estado soberano em 1648. Ao norte, a Dinamarca, a Suécia, e a Noruega, datam de 1814 e de 1906.

Isto, repito, são datas. Se é certo que a história dessas nações não começa nessas datas, a verdade é que a fisionomia política que elas têm, os seus recortes no mapa que hoje estudamos, têm precisamente a idade que lhes indico.

Quem fizesse um mapa da Europa nos seus diferentes períodos, iria assim encontrando tódas as nações com feitio e tamanho diferente, e só uma nação com o mesmo tamanho durante 8 séculos: — Portugal.

Isto demonstra a vitalidade incomparável do nosso sentido de independência. Por ela seria cada português capaz de dar o seu sangue e a sua vida, se fôsse necessário, defendendo-a como a honra da sua honra, com a maior riqueza do seu coração.

Tivemos na nossa história períodos maus, fomos atacados e invadidos, mas o sentido da nossa independência não se perdeu nunca, pois viveu e vive como se fôsse parte do nosso sangue, a vibrar dentro do nosso coração.

Hoje que somos outra vez uma nação forte, respeitada e feliz, devemos pois celebrar o 8.º centenário da nossa existência mostrando ao mundo que a mais velha nação da Europa sabe ser a que tem mais mocidade na sua energia e no seu orgulho!

DIRECTRIZES

Pensamento e acção

«O legionário professa os princípios de renovação económica e social do Estado Corporativo e afirma solenemente o seu respeito pelo património espiritual da Nação: a fé, a família, a moral cristã, a autoridade, a liberdade da terra portuguesa» — eis o segundo ponto do Compromisso do Legionário. E o terceiro ponto é este: «O legionário repudia e combate em todos os campos as doutrinas subversivas, nomeadamente o comunismo e o anarquismo».

Para que cada legionário possa cumprir com inteira eficiência a missão definida nestes dois pontos é indispensável que possua uma ideia completa, ordenada, integral da doutrina que serve e, também, das doutrinas contra as quais trava decisiva batalha. Se alguns, pela sua formação e pelos seus conhecimentos, estão desde já, perfeitamente esclarecidos — muitos há que

ainda precisam de ser orientados e elucidados sobre os grandes princípios do nacionalismo português. Para esses, criamos a secção presente — na qual, pouco a pouco, hão-de encontrar, em forma clara e acessível, as bases de que necessitam para adquirirem uma consciência legionária capaz de se afirmar e de triunfar através de tódas as circunstâncias, sejam elas quais forem.

Aqueles que se alistaram sob o grande signo histórico da Cruz de Aviz, aquêles que, ao vestir a camisa verde, tam eloquentemente se votaram ao serviço da grandeza de Portugal, são movidos pelo mais nobre e ardente sentimento patriótico. Mas, se o sentimento patriótico é a força viva, a esplêndida característica, do legionário, se nêle se condensa o seu magnífico espírito de sacrifício e a sua fé capaz de levantar montanhas — nem sempre basta às diversas contingências da luta que trava-

mos. Outras armas, outras energias são precisas. Entre as primeiras, figura uma noção clara de doutrina, indispensável para dar a vitória no largo embate de ideias que é uma das realidades dominantes da nossa época.

O legionário é, sobretudo, homem de acção — de acção nacionalista. Tóda a acção tem que ser, porém, guiada, iluminada por um pensamento que lhe multiplique a eficácia e lhe abra os vastos horizontes do triunfo completo e definitivo.

Aqui oferecemos aos que queiram aliar, numa síntese construtiva, pensamento e acção — as directrizes necessárias. A Legião, para nós, não é apenas um esforço de vontades e um erguer de braços decididos — é, a par disso, uma mobilização de espíritos. A esses espíritos indicaremos sempre os rumos que lhes permitam executar por inteiro a sua tarefa salvadora, garantir ao Portugal novo — ao Portugal do Estado Novo — os seus altos e belos destinos.

J. A.

(Continua na 6.ª página)

Passou no dia 27 de Maio o 16.º aniversário da fundação em Portugal dos Escutas Católicos. Por tal motivo, o Grupo e Alcateia da Senhora de Oliveira, comemoraram essa data, com um acampamento, na ridente freguesia de Riba d'Ave.

A partida teve lugar às 6 horas da manhã, em camionete, onde os 45 filiados por entre canções e «arraias» se dirigiram ao local determinado.

O dia passou-se, como sempre, alegre e feliz.

Durante o dia fizeram-se, vários trabalhos de campo, e visitas de estudo, entre elas a uma fábrica de fiação e tecelagem. A grandiosidade do edificio, e a sua maquinagem, ficou bem gravada na nossa memória. A gentileza da pessoa que durante a visita nos elucidou, e a amabilidade de que fomos alvos, a todos nós, desde o pequeno ao grande, deixou-nos sensibilizados, sendo merecedores dos nossos maiores agradecimentos.

Finda a visita voltamos ao acampamento.

A noite realizou-se o tradicional fogo de conselho, a que todos deram o seu melhor concurso, incluindo o nosso *chauffeur*, para que o fim de festa fôsse retumbante.

De tarde realizou-se uma parada de escutas em que tomaram parte os grupos de Ronfe, S. Miguel das Aves, Riba d'Ave e Oliveira, num total de 150 rapazes. O desfile foi impressionante, devido ao aprumo que os escutas lhe impuseram. No final o sr. padre Quezado, escuteiro também, preferiu uma entusiástica alocução, enaltecendo a vida do campo, convidando todos os escutas, a fazerem da sua lei, uma luz na sua vida. Dizia S. Ex.ª, e muito bem, o verdadeiro nacionalista, o verdadeiro português, o portugês de coração, tem sempre presente no seu espírito, um só lema, um ideal belo, um único pensamento. Deus-Pátria-Família. E' neste conjunto de três palavras, que se encerra a base duma boa sociedade, o destino duma Pátria livre e forte. Foi inspirado neste grande pensamento que o saudável D. Manuel Vieira de Matos, em 27 de Maio de 1923, lançou o primeiro grito de «Alerta» em Portugal, criando os Escutas Católicos. Grande homem esse, a quem milhares de jovens portugueses, devem os seus primeiros passos na vida pública. Há 16 anos que o Corpo Nacional de Escutas, está trabalhando, lutando contra todas as dificuldades, avançando todos os obstáculos, que muitos julgavam invencíveis, só para conseguir agradar a um, amar a outra, e ser útil a um último, Deus-Pátria e Próximo. Tem procurado introduzir nos seus jovens, o amor ao trabalho, a honra e a dignidade. Tem sido o braço direito da Igreja Católica, abrindo o caminho a muitas almas, que a iminência do perigo ameaçava.

Mostrou sempre, como ideal santo, como dever sagrado, como tesouro de todo o português o símbolo, o símbolo português, que além-mar lembra a seus filhos, que têm uma Pátria ama-

A posse do novo presidente distrital da U. N., em Braga

DISCURSO

do sr. dr. Miguel Braga no acto de posse de Presidente da Comissão Distrital da União Nacional.

Porque se revestiu dum alto significado político o acto de posse do novo Presidente da Comissão Distrital da U. N. de Braga, sr. dr. Miguel Braga, não podia *Ressurgimento* deixar de arquivar em suas colunas as palavras de sua doutrina que então foram proferidas:

Pelas pessoas que assistiram — além do sr. Governador Civil, Presidentes das Comissões da U. N. e das Câmaras Municipais, os srs. drs. Albino dos Reis, da Comissão Central da U. N., Marques de Carvalho e Angelo César, deputados Augusto Cerqueira Gomes, António da Cunha Matos, António Abranches, etc. — e pelas afirmações que se fizeram, marcou-se um avanço na verdadeira orientação política do Distrito.

Com grande prazer arquivamos os discursos do empossado ex.^{mo} sr. dr. Miguel Braga e do ex.^{mo} sr. dr. Albino dos Reis que propositadamente veio de Lisboa para lhe conferir a posse.

Discurso do sr. dr. José Albino dos Reis

A Comissão Executiva da U. N. resolveu que as posses dos presidentes distritais fôsse conferidas por algum dos seus membros, sempre que fôsse possível. E como Braga tem justificada categoria dentro desta situação política, mereci eu a honra de vir aqui.

A gloriosa e sempre moça cidade dos Arcebispos, e tam gloriosa e tam moça que dela saiu o movimento militar que tam profunda repercursão havia de ter no país, tudo merece.

Depois as circunstâncias políticas do momento aconselhavam a que viesse.

Os presidentes das comissões distritais têm a confiança da Comissão executiva.

Edirigindo-se ao sr. governador civil: — Agradeço as palavras que V. Ex.^a me dirigiu e faço votos por que a sua missão política seja longa, próspera e útil aos progressos morais e materiais do país.

Como representante do princípio de autoridade, autoridade que se deve a todos e sobre todos se exerce, eu desejo que em todos os seus actos nunca alguém possa ver o dr. José Joaquim de Oliveira, mas o governador civil, o representante do Governo da Nação, e dos altos princípios do Estado Novo a cujos altos interesses subordina a sua acção.

E sempre que assim faça, terá realizado uma obra que não poderá deixar de reflectir-se no justo prestígio da pessoa que os praticou.

O testemunho do sr. governador civil sobre o unânime acolhimento com que foi recebida a nomeação do sr. dr. Miguel Braga para o cargo de presidente da comissão distrital da U. N., não pode deixar de ser para mim de um alto valor. Ele é penhor seguríssimo que a política no distrito de Braga vai caminhar como deve, dentro duma estreita colaboração de todos os valores nacionalistas.

E' que acima dos homens, há outra coisa mais alta: temos de servir os destinos da revolução e da Pátria.

O sr. dr. Miguel de Braga reúne tôdas as condições: inteligência maleável e tolerante, e um grande carácter, um velho pendor para a política, não para a política baixa, mas para a política que eleva e dignifica.

Ele tem o espírito formado na melhor doutrinação contra-revolucionária.

O cargo é difficil, mas há-de vencer. Espero que lhe dêem o necessário apoio, sem o qual ninguém poderá trabalhar.

E V. Ex.^{as} não podem proclamar-se bons nacionalistas, se assim não fizerem.

Não é bom nacionalista aquêlê que só trata dos seus interesses, aquêlê que não tem espírito de renuncia e de disciplina.

Apelo para V. Ex.^{as}. Não tenho dúvidas sobre o fervor dos nacionalistas de Braga.

Vamos marcar uma era nova na política do distrito de Braga.

Homenagem ao major Lucinio Preza

Não quero deixar de prestar justiça a um homem que muito fez por Braga, o major Lucinio Preza. E embora as situações dos homens passem, não é justo que se esqueça o que a política deve a esses homens.

Eu tinha de proferir estas palavras. Temos de poupar o prestígio desses valores. Mais ainda: evitar que esse prestígio se diminua.

(Muito bem).

E mais adiante:

O sr. dr. Miguel Braga sucede ao sr. dr. Alberto Cruz. Eu tenho pena que êle aqui não esteja para o abraçar e felicitar pela maneira como soube conduzir-se em momento bem difficil.

Meus senhores: Vamos fazer no distrito de Braga União Nacional. Ela é necessária.

E' que os aspectos e os ventos do Mundo não correm de feição.

E quando assim é, torna-se necessário que os homens se unam à volta do Chefe, Dr. Oliveira Salazar, criando-lhe ambiente, paz e traquillidade, para o ajudar a resolver os problemas de ordem interna e externa que afligem a humanidade.

Há, pelo país, uma crise económica acentuada. Pois bem. Ajudem os Chefes a resolvê-la e não lhe criemos difficuldades.

E a terminar:

Espero que a cidade de Braga, a quem o país tanto deve, seja já a cidade santa da nossa fé nacionalista.

Foi daqui que numa manhã longinqua de saúde, partiu o movimento do Estado Novo.

Espero que continue a ser a Metrópole nacionalista onde nós venhamos haurir entusiasmo e dar vigor à nossa chama nacionalista.

Há-de continuar a sê-lo, eu espero, para bem de todos e dos nacionalistas de Braga.

A PENHA

Exame de consciência

Estância privilegiada entre as mais belas, cheia de interesse em si própria e ponto de vistr maravilhoso, a Penha fica na lembrança de todos os que a visitam como síntese da beleza do Minho, certamente a mais colorida província portuguesa.

A sua silhueta, *ex-libris* de Guimarães, distingue-se já de longe e todo o viajante se entusiasma com os rochedos, de formas caprichosas, espalhados aqui e além, por tôda a montanha, numa extravagância da natureza que mais parece trabalho de Hércules.

A quem sobe, porém, outras maravilhas se desvendam: as rochas têm agora novos e mais curiosos aspectos e o panorama alarga-se, alarga-se sempre, até atingir o máximo lá em cima, no Pio IX, ponto de vista extraordinário, inexcédível no país e bellissimo em qualquer parte.

Agora, a cidade, com as suas casas, tórres e o Castelo, é já um brinquedo de crianças, esquecido

sobre um tapete de mil verdes. E é sobretudo dos infinitos tons desta côr de esperança que o panorama vive para sempre na nossa recordação.

De momento, só um desejo floresce em cada alma: dá vontade de ficar ali, esquecido de tudo, a cismar com a obra portentosa de Deus e com a pequenez dos homens.

Mas, ai de nós! a vida de hoje tem exigências extraordinárias e já o viajante começa a verificar como nas nossas realizações correspondemos a tam extraordinária criação.

E visto haver quem analise o que se fêz, vejamos nós também.

Debaixo de que aspectos temos de encarar a Penha?

Todos a definirão, sem dúvida, como ponto de vista surpreendente, como estância de repouso, onde

(Continua na 8.^a página)

Ex.^{mo} Sr. Dr. Albino dos Reis, dignissimo Vice-Presidente da Comissão Central da União Nacional

Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Oliveira, dignissimo Governador Civil do Distrito Srs. Deputados da Nação Portuguesa. Meus Senhores:

Se alguma dúvida me restasse, teria desaparecido agora. O imprevisto será sempre lei da minha vida; o meu futuro sempre escravo do Acaso. E' bem verdade, meus senhores, que só o homem superior sabe forjar o seu dia seguinte, aos outros, como eu, só lhes resta aguardarem, resignadamente, as ordens ditadas pelo Amanhã, obedecer às circunstâncias que os superiores criaram.

Quere isto dizer, meus senhores, que de nada me valeu tam veloz como escondido refugio; nada importou levantar as muralhas de silêncio, de quasi feroz ingratidão, com que rodeei o meu voluntário exilio; — pois, mais uma vez, as amizades, tão fortes como cegos, derrubam essas barricadas e guindam, inesperadamente, a honrosos postos de comando, e anónimo soldado da revolução de 28 de Maio que, por qualidades, só poderia deficientemente servir, a todos obedecendo.

Juro-lhes porém meus senhores, que, agora, como das passadas vezes... não pequei.

Mas as coisas são o que são e, portanto o que me cabe fazer: julgo meu dever conciliar, no possível, estes dois contrários que se debatem: — um deles, o das minhas pobres faculdades; o outro, o da difficil missão que me foi confiada. De que forma? Determinando que esta minha presidência, de tam prometida brevidade, seja, em tudo, um comando de serviço. Obedecer, primeiro e sempre, aos Supremos Interesses de Portugal: — Nação que Deus parece ter criado pequena, só para agigantar seus feitos; Nação tam querida Dêle, que a outra não confiou, primeiro, a missão de Cristianizar os grandes Oceanos, os Continentes vastissimos!

Em segundo lugar servir os Altos Interesses dos povos dêste distrito, povos que ninguém humilha em virtudes civicas, quer na guerra, onde as façanhas são de gesta, quer na paz, com exemplos de trabalho de tam heroico fecundador de terras, que não só cava nem semeia, os estreitos palmos de solo, exigidos pelos berços dos seus filhos, pelos túmulo dos seus, pelos altares dos seus Santos.

Ora, meus senhores, eu entendo, como sempre entendi que os Supremos Interesses nacionais e, portanto, os Altos Interesses Distritais nenhuma mais perfeita difinição, nem melhor defesa encontram que nos princípios basilares da União Nacional. Neles está a mais sólida armadura política da nossa Pátria Maior e das pequenas pátrias que, com os seus concelhos, formam os distritos.

Foram êsses princípios, foi essa Magna Carta de Nacionalismo Português (Carta que V. Ex.^{mo} sr. dr. Albino dos Reis, deve orgulhar-se em ter subscrito como Ministro do Interior) foram êsses princípios, dizia, os ins-

(Continua na página seguinte)

A P O N T A M E N T O S Notas ligeiras

(Continuação da 1.ª página)

* * *

E' urgente, é necessária, a solução do problema das águas. Problema que não é de hoje, de ontem, mas de há muito.

Salazar lança o programa das festas centenárias. Um imperativo inesperado surge então na vida de Guimarães: o embelezamento e melhora-mento da Cidade Mãe.

* * *

Embora urgente, embora necessário, por mais doloroso que seja, o problema das águas pode ser adiado. Pode e deve.

Os problemas que se ligam com as comemorações Centenárias — principalmente a parquização do Castelo e avenidas de acesso com suas expropriações — têm que ser colocados em primeiro lugar; êsses não podem ser adiados. As comemorações têm lugar no ano de 1940.

* * *

Este problema não dá lucro, não satisfaz apeti-tes, embora necessários e legítimos, não encon-

tra apoio na galeria e na generalidade — que im-porta? — nem só de pão vive o homem.

E se obedecermos à opinião pública...

Todos condenam as enormes verbas gastas no restauro dos monumentos nacionais, e nós bem sabemos a grandiosa obra espiritual que construímos; condenam e, o que é mais grave, criticam e não agradecem aos «viriatos» o sacrifi-cio feito, e nós compreendemos muito bem a alta missão espiritual, a maior vitória, que os impeliu para o campo de batalha e o Ideal que os acom-panhou; como não compreendem tudo o que sô-mente fala ao espírito e não seja palpável.

Cego de nascença não acreditava na luz; e como acreditar se nunca a vira nem apalpara?

* * *

Pão, ambição, poder... Água, luz, mando — ainda e sempre, as mesmas tentações do demô-nio, que calam bem, aproveitando-os, os baixos instintos da nossa miséria humana.

ANTÓNIO LINO.

D I S C U R S O

(Continuação da página anterior)

tauradores em Portugal do Estado Forte que, exterminando a anarquia dos partidos, não caiu, contudo, no perigo do despotismo do Tirano, pois subordinou a sua acção à Moral e à Lei; Estado que sabendo que o fim último do Homem é mais do que ser um mecanizado instinto de Produção e Consumo ou arregimentada pertença dos canhões dum Mito, e por conhecer que a sua alma sobe a maiores alturas que as de fumo da chaminés de fábricas, ao serviço de Sindicatos, de Estomagos, ou das passageiras nuvens idólatras com que transitorios Césares pretendem encobrir a eternidade dos Céus, garantiu a personalidade huma-na os seus imprescritíveis direitos.

¿E quem dúvida, ainda, dever-se a esse Estado Forte que a Paz Civil seja hoje, espontaneamente criada onde, anos atrás, imperava o fratricídio, constitucionalmente organizado, abas-tecedor de mártires, as prisões, e de cadáveres, o necrotério?

Nesses princípios, meus senhores, se filia também, a Organização Corpo-rativa que, tendo salvo da falência certa a nossa economia arruinada, es-tabeleceu as bases da Justiça Social, dando ao operário, não dinamite e greves, mas pão e dignidade e que, espiritualizando, quasi diria, baptisan-do o Ouro, dá ao Capital menos juro rapaces, é certo, mas mais solidarieda-de Cristã.

E' já, meus senhores, um desses princípios que nos promete a Escola Nova, hoje existente, onde a Mocida-de reoportuguesada, se prepara para tomar das nossas mãos envelhecidas, o fecho imperecível da Revolução Na-cional.

São êsses princípios que fazem revi-ver o sentido Imperial dos nossos destinos e desperta, em todo o Portu-guês do vasto Império o soldado tão pronto o vir de Angola defender Trás-os-Montes, como a correr de Mi-nho a Timór ameaçada.

São êles ainda, que fazem do nosso Estado, (outrora escarnecido mendigo

internacional,) o tão avisado como es-cutado conselheiro de agora e que per-nitindo-lhe: revigorar a nossa secu-lar Aliança, a dignifica de tal sorte que, como nunca, livremente determi-na a sua colaboração com os outros Estados, na ingente obra pacificadora do Mundo atormentado.

E' emfim, respeitando os princípios de que a Independência e a Soberania do Estado são ilimitadas; e da rebel-dia deste perante tôdas as ingerências estranhas na vossa política interna; e o de ver na segurança de Portugal a sua primeira obrigação é, dizia, obedecendo a êles que se lança no esforço hercúleo de ressuscitar a nossa Mari-nha de Guerra, de criar essa admirá-vel Legião Portuguesa e preparar, acti-vamente, um exército não só para, como sempre, morrer com honra, mas para vencer com glória.

Foi definindo, meus senhores, os prin-cípios da União Nacional, aberta sem-pre a tôdos os portugueses de boa vontade, que o génio político de Sala-zar se revelou em toda a sua plenitude; foi dando-lhe perfeita execução que tanto êle como a Presidência de Sua Excelência o Senhor General Carmona, escreveram algumas das mais alevantadas páginas da História de Portugal.

Excelentíssimo Sennor Doutor Albi-no dos Reis, dignissimo Vice-Presiden-te da Comissão Central:

Afirmando-me profundamente reco-nhecido, permita breves considerações à-cerca de V. Ex.ª a esta solenidade.

E' óbvio dizer, não tomar para mim a honra da presença de V. Ex.ª neste meu acto de posse. Por maior que a afectividade do seu coração, nascido para criar amizades, não pode ignorar que o alto cargo, por V. Ex.ª muito esclarecimento exercido, impôs limites estreitos à espontânea gentileza que dêle transborda. Sei o que esta presen-ça representada de sacrificio para V. Ex.ª, pois, orador de raça como é, sabe, como tal, o valor da palavra, — e nunca a desperdiça inutilmente —. Estadista de honrada Escola, V. Ex.ª

que poderia, como poucos, conduzir multidões dinamizadas pela sua elo-quência, prefere, a exemplo de Salazar, trabalhar, abnegadamente, no silêncio, longe da popularidade fácil e só para que a Assembleia Nacional e a U. N. valham cada vez mais, sejam cada vez melhores. Guardem, pois, inteiramen-te, considerando êsse sacrificio alto preito de homenagem, guardem-na pois integralmente, as comissões da União Nacional do Distrito de Braga, todos os seus muito milhares de va-lorosos soldados.

A V. Ex.ª Sr. Dr. Domingos Soares, muito illustre Presidente da Junta Pro-vincial, do Minho, homem de mãos limpas e coração lavado, que uma Pro-vincia toda respeita, os meus profun-dos agradecimentos.

A V. Ex.ª Dr. José de Oliveira, de cujo ilustrado critério e dedicação à causa Nacionalista, êste Governo, Civil, de tam precláras tradições, tanto jus-tamente espera, apresso me a afirmar igualmente, a minha gratidão e e garan-tir-lhe que me esforçarei por prosseguir na elevada orientação de todos os ilus-tres presidentes que me antecederam, — todos contrários a secundárias paixões, às perturbantes divisões que a União Nacional logo por seu título repele, todos, que embora usando ple-namente dos direitos que os estatutos desta organização lhes confere, respei-tando-os, também, não tentaram usur-par os poderes que aos Magistrados Administrativos competem, todos, en-fim, que inteiramente se sacrificaram na defesa dos legítimos interesses dos povos destas terras sagradas, onde Portugal nasceu e foi restaurado com a gloriosa Revolução de 28 de Maio.

S. João em Braga

Começam no dia 22 as festas da cidade de Braga, com um festival no mercado. Dia 24 arraial da Ponte, 25 e 26 festivais na Avenida.

Coronel Duarte Amaral

Encontra-se êste nosso querido ami-go nas suas propriedades de Jugei-ros, concelho de Felgueiras.

Porque a falta de espaço com que temos lutado nestes últimos núme-ros nos não permite esplanar os assuntos, focaremos sinteticamente alguns problemas que a seu tempo lhe daremos mais largo desenvolvi-mento.

Chafariz do Carmo — resolveu-se transferi-lo para o local onde se en-contra a estátua de D. Afonso Hen-riques. Não concordamos. E não concordamos porque se harmoniza mais perfeitamente com o casario do Carmo de que com o do Toural. Mesmo o seu jardim já tem um tra-çado completo e perfeito; ir descom-pletar o que está completo, não é uma solução aceitável. Razoável é com-pletar o que se encontra incompleto. Primitivamente foi construído para o Toural o chafariz. Mas já não é o de então o cenário de hoje. Para o local achavamos, hoje, preferível um espelho de água, com uma taça baixa, donde a água saíria em gran-de borbulhões.

Uma estilização moderna dos tan-ques do século XVIII não ficaria mal.

Monumento a Afonso Henriques — num pedestal moderno, de linhas rígidas e majestosas, tendo como fundo o cenário do Castelo, vai ser colocada a estátua de Afonso Hen-riques. Mas é preciso não esquecer que permanecendo em pé o edificio do antigo Teatro das Tojeiras dese-quilibrará o conjunto. O efeito de perspectiva do monumento ficará imensamente prejudicado: o edificio das Tojeiras tapa metade do seu planô de projecção — o Castelo.

Paços dos Duques de Bragança — negam muitos que a frente dos Pa-ços estivesse construída alguma vez. Por isso não concordam que ela seja erguida. Ora existem numa casa antiga de Azurém uma ou duas ja-nelas, bem interessantes, que foram pertença dos Paços dos Duques e nós não vemos outro local onde colô-las.

Igreja de S. Domingos — Vai sofrer um arranjo a igreja de S. Domingos que ainda, desta vez, não foi consi-derada monumento nacional. Por-que não tem categoria para isso? Cremos ser um erro. Então uma parte — o claustro — é monumento nacional e não é a todo?

E a sua bela rosácea? E sua por-ta lateral?

Escutismo da Oliveira

(Continuação da 4.ª página)

da, uma Pátria forte, que deles exige o sacrificio. Quantas centenas de jó-vens, a quem a faina da vida já não lhe dá liberdade, hoje recordarão com saúde, as lindas e alegres tardes do acampamento... êsses fogos de con-selho, nessas noites tam lindas em que a lua por entre os pinheirais se asso-ciava à nossa alegria e aos nossos cân-ticos. Quantos e quantos se lembra-rão, ou melhor saberão, hoje como nunca, apreciar os esforços, as horas amargas em que se sacrificaram, só com uma vontade única, vencer.

Para êsses vão as saudações vivas, dos que hoje nas nossas fileiras, pro-curam adquirir os mesmos sentimen-tos, que os ajudou a subir as escadas da vida.

A.

CARTA DE LISBOA PROBLEMAS MUNICIPAIS

(Continuação da 3.ª página)

Após o 28 de Maio

Treze anos depois que uma revolta se transformou miraculosamente numa revolução — Portugal não é já aquele país pequeno que em tórno das mesas mais ou menos redondas das conferências internacionais fazia por vezes sorrir os diplomatas. Esse sorriso, de resto, era explicável, quasi desculpável: os heróis da república democrática não eram, positivamente, os heróis dos *Lusiadas*; o «Pintor» substituiu o Condestável Nuno Alvares; o «Ai-ò-linda» substituiu o Infante D. Henrique; e o marujo «Dente de oiro» substituiu o marinheiro Vasco da Gama; Portugal, como se vê não ganhara com as trocas.

Que se fez ao longo destes treze anos?

Muitas coisas se fizeram; mas até mesmo que outra obra não houvesse no activo da revolução nacional senão o desaparecimento desses sinistros heróis — isso só por si bastaria para que estivessemos imensamente gratos aos homens do 28 de Maio.

Viriatos

Chegaram os «viriatos». São uns milhares de homens que disseram aos povos e às nações qualquer coisa semelhante a isto:

— Os portugueses de hoje são iguais aos de sempre: generosos do seu sangue; desinteressados até ao desprezo pelos bens do mundo: heróicos até ao exagêro; desdenhosos da morte até à loucura.

Também eles merecem a nossa gratidão. Demonstraram aos povos e às nações que os portugueses continuam a ser capazes de grandes empresas...

A viagem presidencial

O Chefe do Estado não vai, afinal, apenas a Cabo Verde e Moçambique; desembarcará também, por entre populações entusiasmadas e agradecidas, em S. Tomé e em Luanda. Pena é que a saúde do Chefe do Estado não permita que esta sua viagem se transforme, já agora, na viagem a todas as terras, a todos os cantos do Império.

A situação internacional

Decidamente — o perigo da guerra mundial afastou-se por algum tempo. Porquê? Não se sabe. No próprio momento em que todas as esperanças naufragavam; no próprio momento em que todos os optimismos

mais ou menos oficiais ou officiosos se demitiam ou refugiavam em formulas de desespero — o perigo da guerra afastava-se, diluía-se...

Milagre de Deus, resolução dos estadistas ou imposição dos povos — a paz voltou ao coração dos homens e às colunas dos jornais. Embora seja, como não podia deixar de ser, uma paz ainda pálida, ainda convalescente — e um medo enorme da recaída sempre possível.

A Feira do Livro

A medida que os anos passam — a Feira do Livro vai adquirindo a dignidade que inicialmente lhe faltava. Foram-se as barracas que pareciam de comes-e-bebes... Foram-se as brochuras aproximadamente obscenas... Foi-se até aquele indecoroso e cruel espectáculo duma pobre velha pintada como um *clown* a autografar para devassos senis ou precoces obras em que falava dos seus amores...

O que ficou — é já uma coisa aceitável.

Mas ainda não me resignei completamente a encarar o livro como um objecto de feira...

Propagandas em Portugal

Promoveu o Instituto de Cultura Italiana uma exposição de livros italianos que é uma coisa notável pelo luxo, pelo bom gosto e pela variedade dos exemplares apresentados; paralelamente — o Instituto Luso-francês promove uma série de conferências em que escritores e poetas das novas gerações portuguesas falam do seu culto pela França. Dir-se-ia que a Itália e a França estão em guerra — uma guerra pacífica e fecunda, em que não há mortos, nem feridos...

Fossem todas as guerras como esta!

Murras

Mas como se falou aqui na França — não pode ficar sem referência aquilo que foi, nesta semana, o grande acontecimento de Paris: — a entrada de Murras para a Academia Francesa e o belo discurso em que o agnóstico em vias de conversão saúda humildemente os santos, as santas e a Virgem Maria, protectores da pátria francesa através dos séculos e das tempestades de ambições.

Lisboa, 10-6-39.

D. F.

Ronda da Lapinha

Amanhã, pelas 11 horas, após a solenidade religiosa, sairá da capela-mor do Santuário — em construção — a veneranda e milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Lapinha, *Padroeira dos Agricultores*, para a sua visita anual à nobre e histórica cidade de Guimarães, grandiosa e comovente romagem de fé, piedade e devoção, que se realiza, com a máxima imponência, desde 1556 — há 283 anos — em cumprimento de antigo voto do povo de 7 freguesias circunvizinhas.

Acompanhada por milhares de de-

votos de ambos os sexos, com itinerário pela estrada da Penha-Guimarães, dará entrada, segundo a tradição, no magestoso templo da Insigne Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, onde permanecerá à veneração dos vimaranenses até às 17 horas, regressando em seguida à Lapinha — pela estrada de Covas-Alto de S. Simão.

* * *

Esta procissão, segundo o Estatuto, visita Guimarães todos os anos no domingo imediato a 13 de Junho — dia de Santo António.

«A Câmara foi regulando as suas despesas, continua o sr. Magalhães Couto, pelas receitas que ia arrecadando e de tal forma que a meio do ano (os anos agora têm 4 meses) se verifica que as receitas até ao presente cobradas são superiores às despesas autorizadas».

Mais uma vez o arauto da verdade esqueceu a verdade.

A Câmara até 28 de Abril de 1939 cobrou receitas no montante de 937.263\$14 e pagou 920.715\$00, ficando a dever os 100.000\$00 já referidos. Gastou mais, não falando nas obras em curso, mas incluindo, como não pode deixar de ser, os cem contos em dívida, 83.451\$86, do que as receitas arrecadadas.

E' calunioso afirmar-se que eu não quero dar execução às obras planeadas pelo sr. Couto, mas sim a outras que constituem por ventura o meu plano pessoal de obras.

O sr. Magalhães Couto conhece pelos seus informadores, que eu não propus à Câmara qualquer obra, limitando-me apenas a executar obras do seu plano que ainda não tinha sido iniciado.

O sr. Magalhães Couto diz que preparou financeiramente a Câmara para contrair um empréstimo de 8.500.000\$00, ou até superior se isso fosse necessário à eficiência dos serviços ou aos progressos da cidade e concelho. Trabalhou, porém tam modesta e recatadamente nessa obra, que, nos arquivos camarários não ficaram nem os mais leves vestígios do seu grande labor.

A cidade e concelho de Guimarães aguardam com a mais justificada ansiedade os detalhes dessa extraordinária obra, para agradecerem o grande benefício que lhe fizeram.

«Eu quero afirmar, continua o sr. Magalhães Couto, que todas as obras orçamentadas para 1939 e aquelas que constam do plano de melhoramentos apresentado à Câmara e ao Conselho Municipal em fins de Setembro de 1937 teriam integral realização. E' caso para dizer: o sr. Magalhães Couto não deve partir do princípio de que os habitantes do concelho de Guimarães são pessoas herdeiras daquela proverbial ingenuidade que tornou célebres os antigos habitantes duma hoje ridente vila da nossa província da Estremadura». E' certo que, para reclamar esse plano integral de realizações, já temos um relógio musicado na torre da igreja de S. Pedro, mas isso é pouco, muito pouco mesmo para convencer o público.

O sr. Magalhães Couto incluiu efectivamente no orçamento deste ano 350.000\$00 para as obras de urbanização dos terrenos à volta do Castelo e dos Paços dos Duques de Bragança e rua de acesso. Incluiu isto e muito mais: 120.000\$00 para a estrada de Rendufe; 700.000\$00 para a conclusão do mercado municipal; 250.000\$00 para a avenida do Largo da República do Brasil ao terreiro de S. Francisco; 600.000\$00 para a avenida dos Palheiros, que já foi condenado pelo Ex.^{mo} Sr. Ministro das Obras Públicas; 128.000\$00 para a variante da estrada de Fafe; 550.000\$00 para a pavimentação da avenida dos Pombais; 400.000\$00 para a pavimentação do Toural, jardim público, Largo 28 de Maio e rua de S.to António e 300.000\$

para a urbanização da Penha, etc. etc. Foi pródigo em promessas, mas muito avaro em realizações. E são estas que interessam ao público e à política de verdade.

O Ex.^{mo} Ministro das Obras Públicas não forçou a Câmara a fazer obras. Limitou-se a perguntar se eu estava disposto a manter os compromissos assumidos pelo antigo presidente da Câmara. Tudo o mais que o sr. Magalhães Couto diz acerca da minha entrevista com aquele ilustre membro do Governo, é uma fantasia do seu espírito desorientado pelo despeito.

Entre uma concessão em que fiquem convenientemente assegurados os interesses do público e do município, opto, com licença do sr. Magalhães Couto, por aquela. Entre uma má concessão e a municipalização, sou, sem hesitações por esta. Em 1932 tentei a municipalização que logo paz de parte por o sr. engenheiro Martins Fernandes, a quem encarreguei do respectivo estudo, me afirmar que as tarifas da iluminação particular teriam de ser agravadas.

O sr. Magalhães Couto que estava disposto a aceitar a solução que os Ex.^{mos} Ministro e Governador Civil escolhessem, que chegou a afirmar que estudou a municipalização, para levar o concessionário a melhorar as suas propostas, diz que a municipalização se apresenta com vantagens sobre a concessão. Esta afirmação é absolutamente gratuita, porque S. Ex.^a não conhece ainda as bases da concessão. O sr. Magalhães Couto e com êle todos os que estavam já a antegozar o prazer de se sentarem à mesa da municipalização podem estar sossegados. A Câmara e Conselho Municipal vão adoptar a solução que mais vantagens dê para os interesses do concelho».

Para o sr. Magalhães Couto o problema da falta de água, perdão, da água está estudado em todos os seus detalhes, não tem hoje qualquer dificuldade técnica. Será assim. No entanto o sr. engenheiro Eça ainda anda a estudar o projecto para a construção de um reservatório regulador do abastecimento de águas, mandado elaborar pelo sr. Magalhães Couto.

Se tinha estudado o problema em todos os seus detalhes, se já estavam resolvidas todas as dificuldades técnicas que interesse havia em organizar mais esse projecto?

O sr. Magalhães Couto pretende impôr-me a execução do seu plano de obras e melhoramentos. Tem graça!

Que autoridade tem sua ex.^a para obrigar, seja quem for, a executar o plano que delirou e êle próprio esqueceu, como se esquecem todos os sonhos! Agradeço a V. Ex.^a sr. Director, o acolhimento que me dispensou.

De V. Ex.^a etc.

Guimarães, 12-6-939

JOÃO ROCHA DOS SANTOS.

Caixa de Providência

Por alvará do sr. Sub-Secretário das Corporações e P. Social, foi aprovado o regulamento da Caixa de Providência de Indústria de cutelarias, em Guimarães.

▶ A PENHA ◀

(Continuação da 5.ª página)

o homem, fatigado da luta continuada e exaustiva que hoje é a vida, procura o merecido descanso, e ainda como lugar aonde o povo da região vai fazer as suas grandes manifestações de fé cristã, numa caminhada que é aspiração de subir finalmente até Deus.

Eis fixada a utilidade da montanha.

Temos pois de não deixar criar e de fazer a eliminação sistemática de tudo o que dificulte a visão dos panoramas de maior interesse, temos de evitar que se estraguem, por qualquer forma, as maravilhas naturais ali lançadas a êsmo e precisamos de tornar a estância aprazível e característica nos seus melhoramentos e nas comodidades hoje indispensáveis.

Não podemos esquecer principalmente que Deus é o Senhor de tudo e que são lá em cima as mais puras manifestações de fé do nosso povo.

E' pois razoável fazer, neste momento *exame de consciência*:

- ¿ Do que lá temos tudo está bem?
- ¿ De que precisamos mais?

* * *

Comecemos por analisar os acessos:

As estradas, até agora inferiores, ficarão, dentro de pouco tempo, alindadas e com pavimentos capazes. O caminho para peões, mais curto, não deve ser considerado como caminho de gente pobre, mas como verdadeiro percurso de turismo, para o qual convém encaminhar freqüentes vezes sobretudo a gente nova da Cidade, que praticará assim um fácil mas salutar exercício.

E' preciso melhorar muito este caminho, adoçanhe o piso e dotando-o em todo o trajecto de bancos e casas de fresco.

Falta à Penha um funicular.

A freqüência de passageiros não permite nem permitirá tam cedo, a montagem desse optimo meio de transporte.

Bem andaram portanto os homens que num rasgo de bom senso, adiaram a efectivação dessa obra e montaram, como derivativo, a carreira de caminheta.

Oxalá todos os nossos problemas tivessem sempre sido vistos com igual inteligência!

* * *

Consideremos agora a estância em si mesma:

No alto do monte, e até quando subimos, logo vemos que a maior obra, para já, a obra inadiável consiste na plantação de árvores.

São precisos milhares de pés, de forma a conseguir-se uma mata frondosíssima.

Não se pode adiar, é urgente!

As plantas crescem como os homens, vagarosamente, e a Penha tem de ser, no mais breve espaço, um parque de maravilha.

Tudo o mais que lá falta pode fazer-se em meses; o crescimento das árvores leva uma vida!

A seguir, vem a necessidade de respeitar os penedos, as formosíssimas rochas da Penha, que constituem um dos seus maiores encantos.

Aconselha-se a caridade de evitar que as destroem ou as amesquinhem com monumentos sem interesse.

De tudo o que lhes puseram só as flôres e as heras são belas. O próprio momento aos aviadores, de concepção felicíssima, teve realização infeliz.

Tanto o trabalho de escultura como as proporções entre os elementos principais (águia e cruz de Cristo), deixam absolutamente a desejar. Mas, com tudo o resto que no género lá se fez, nem vale a pena perder tempo... devia antes, e por vergonha nossa, ser imediatamente demolido.

Ao turismo e especialmente ao turismo de permanência, está intimamente ligado o problema hoteleiro e o das diversões.

O primeiro encontra-se de certa maneira resolvido pois o hotel existente satisfaz ainda por muitos anos as necessidades da estância, caso se lhe introduzam certas comodidades, que ainda não tem, e desde que seja alindado com inteligência e gosto.

O seu interior é actualmente de uma banalidade constrangedora...

No alto da Penha, uma casa de hospedes pequena e de tipo falsamente cosmopolita, é assustador!

Necessita de carácter regional; precisa de ser vestido à moda do Minho!

Pelo que respeita ás diversões, hão-de considerar-se, sobretudo, os desportos e jogos como os divertimentos mais adequados à estância, embora seja de boa orientação localizar e prever, desde já, a construção de um teatro ao ar livre.

Mas interessam primeiramente o tennis, a patinagem e a natação, para a qual uma piscina é indispensável. Além destes, só os pequenos jogos de senhoras e de crianças, pois não poderia pensar-e, por andar muito longe do senso comum, em realizar na Penha quaisquer desportos de grupo, como, por exemplo, o futebol.

Continuaremos.

MARTIM VICENTE.

“VIRIATOS”

Em combóio especial chegaram já muitos daqueles generosos moços que deram o seu sangue e arriscaram a sua vida na guerra de Espanha: quasi todos trazem condecorações a demonstrar o seu valor, o seu heroísmo; e alguns, entre eles trazem a menos, este, um abraço, aquê, uma perna, aquele outro, os olhos. O serviço que prestaram à civilização e ao seu país é dos que se não pagam. Não queiramos, pois, fixar um preço aos seus feitos heróicos e aos seus sacrifícios; mas sabemos rodeá-los da amizade e gratidão, sabemos distingui-los das multidões, sabemos dar-lhes, no nosso coração, o lugar a que eles têm direito.

E se da bôca dalguns entre eles ouvirmos qualquer queixume contra as exigências duma sociedade pouco compatível com heroísmo-virtude tam alta nos tempos de guerra como nociva

nos tempos de paz, evitemos que esses rapazes procurem por exóticas terras a aventura necessária ao seu temperamento e à sua imaginação, apontemos ao seu desejo de novidade e à sua ansia de imprevisão as estradas do nosso império: essas florestas que é preciso desbravar; esses matagais erçados de espinhos que é preciso transformar em pradarias e searas; esses rios caudalosos sobre os quais é preciso que se lancem pontes; essas minas cujas galerias estão ainda por abrir; esses portos cujos cais e cujos armazéns estão ainda por fazer.

Disseram-me há dias — seria boato, talvez — que um punhado de «viriatos» pensava já em oferecer-se para a guerra da China — no caso em que o Japão quisesse também, por sua vez, organizar uma «legião estrangeira»: — e a não ser boato isto que me disseram, esses «viriatos» por certo julgam que na China vão continuar a cruzada

que em Espanha iniciaram contra o comunismo, esquecendo-se, assim, que em Espanha defendiam um povo dos estrangeiros seus inimigos, ao passo que na China combaterão uma pátria emparceirados com os estrangeiros seus invasores. Isso, porém, não é ainda o que mais interessa: se por um lado não se pode negar que os chineses se batem pela independência da sua multi-secular nação, por outro lado igualmente se não pode negar que os russos auxiliam os celestes na sua luta contra os nipões, fornecendo armas, munições e técnicos militares. O que mais interessa, para nós, é que Portugal não dispõe de tantos valores heróicos que os prodigalize pelo mundo, sem conta, nem medida, quando, pelas terras do Império, há tanto chão a pedir sementes, tanto negro a pedir patrões, tanta riqueza a pedir esforço, a pedir trabalho, a pedir suor...

DUTRA FARIA.

Desmascarando

O que se passou no teatro Martins Sarmiento, na noite do passado dia 1, é digno de registo. Não fôra conhecermos bem no íntimo as suas causas, não nos mereceria sequer o interesse por esta fauna asinina. Mas nós conhecemo-los muito bem. E' só com o fim de avisar os incautos que resolvemos desmascarar a sua *personalidade* camuflada.

Num gesto muito natural aos cavalos e mais da sua espécie, um grupo de *parvos* resolveu festejar — é esse o sinal de contentamento, quando vêem aparecer o dono, na tal espécie animal — o aparecimento de vários assuntos dum *jornal sonoro*. Mostravam assim até onde chega a sua *cobardia* e seu *reviralthismo*.

Cobardemente — aproveitando-se da indiferença da mentalidade católica dolorida com o encaminhar do problema religioso na Alemanha — atacam os regimes do Estado Forte não pelo que nós, os únicos que temos autoridade para o fazer, deles discordamos, mas, precisamente, pelo que têm de semelhante conosco. E' a sua faceta anti-comunista, anti-liberal e anti-maçónica que eles no fundo condenam. E assim vimos que até Franco, o Franco católico que na Missa da Vitória pede a Deus que o guie e no altar faz o seu juramento, não escapou.

A Alemanha, a Itália têm defeitos — mas não são os defeitos que interessam. Os seus grandes crimes — para esta fauna, é claro — é o terem ajudado a verdadeira Espanha na expulsão do comunismo da Península, a última esperança do *reviraltho* saudosista. O crime de Franco é o ter saído vitorioso, erguendo, mais uma vez, bem alto, o pendão da latinidade cristã!

Alerta! Precisamos de reflexão e coerência — não pactuando com uma *falsa razão* com que eles se *camuflavam*. Eles são os mesmos que defenderam os vermelhos espanhóis, que nos primeiros anos da Revolução apedrejavam aos vivos à *liberdade* (sic) ou em banquetes compravam a 20\$00 os vivos à República!

Nunca apoiavam Salazar. Não se inscreveram na Legião Portuguesa.

Nenhuma autoridade têm para se manifestarem, nem nós jamais lhe consentiremos. E conhecemos bem a maneira de meter na ordem semelhante espécie animal.

Não tivessem sido favorecidos pela luz que *demorou a aparecer* — a cobardia é sempre anónima e evita a luz — que nós saberíamos dar-lhes uma lição... de *personalidade*, a estes macacos de imitação, embora diga a sabedoria popular que esta fauna em vélho... não toma andadura.

* * *

Aplaudimos plenamente as palavras que o ilustre Presidente do Município disse antes de principiar a sessão cinematográfica de domingo, 4 p. p.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50